



ISSN - 2175-6600

Vol.17 | Número 39 | 2025

Submetido em: 12/02/2025

Aceito em: 24/05/2025

Publicado em: 28/05/2025

Pedagogias críticas e educação para hoje: entrevista com Peter McLaren¹

Critical pedagogies and education for today: interview with Peter McLaren

Pedagogías críticas y educación para hoy: entrevista con Peter McLaren

Luis Bonilla-Molina²
Allisson Goes³
Carlos Alberto Vasconcelos⁴



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2025v17n39pe19209>

Resumo: Peter McLaren é um professor canadense que trabalhou no Canadá e nos Estados Unidos. Ela desenvolveu sua própria perspectiva sobre pedagogias críticas e é reconhecida hoje como uma das principais figuras da teoria alternativa na educação. Ele conheceu e trabalhou com Paulo Freire, sobre quem escreveu um livro. Ele é hoje considerado um dos mais importantes representantes da pedagogia crítica em todo o mundo. Suas publicações abordam questões de política, antirracismo, direitos do cidadão e educação. Seus livros mais conhecidos são War in Ukraine and America. DIO Press, 2022; Manifesto da Pedagogia Crítica. Professores do Mundo, unidos. DIO Press, 2021; Ele Caminha Entre Nós: Fascismo Cristão Inaugurando o Fim dos Dias. DIO Press, 2020; Diálogos Pós-digitais sobre Pedagogia Crítica, Teologia da Libertação e Tecnologia da Informação (com Petar Jandric). Bloomsbury Academic, 2020; Breaking Free: The Life and Times of Peter McLaren, Radical Educator (com M. Wilson). Myers Education Press, 2019; Pedagogia da Insurreição: Da Ressurreição à Revolução. Peter Lang, 2016; Revolucionando a Pedagogia: Educando para a Justiça Social Dentro e Além do Neoliberalismo Global (com S. Macrine, S., e D. Hill, Eds.). Palgrave Macmillan, 2010; Repressão Acadêmica: Reflexões do Complexo Industrial

¹ As reflexões contidas nesta entrevista serão ampliadas por meio da publicação de um livro.

² Universidade Federal de Sergipe, Brasil. Programa Emergencial de Solidariedade Acadêmica (CAPES, Brasil). Grupo de Estudos e Pesquisa Processos Identitários e Poder. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7274083870544104>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4846-8345>. Contato: luisbonillamolina.62@gmail.com.

³ Universidade Federal de Sergipe, Brasil. Programa Emergencial de Solidariedade Acadêmica (CAPES, Brasil). Grupo de Estudos e Pesquisa Processos Identitários e Poder. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5095667640416252>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4403-8823>. Contato: allissongoes@gmail.com.

⁴ Universidade Federal de Sergipe, Brasil. Grupo de estudos e pesquisas sobre formação de professores e tecnologias de informação e comunicação. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3035538916868812>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9049-5294>. Contato: geopedagogia@yahoo.com.br.



Acadêmico (com A. Nocella, S. Best, S., Eds.) (2010). AK Press, 2010.; Devastação do Capitalismo. Educando para a Justiça Social e Ambiental (com G. Martin, D. Houston, D., & Suoranta, J., (Eds.). Sense Publishers, 2010; Pedagogias Críticas do Consumo: Vivendo e Aprendendo na Sombra do "Shopocalypse" (com Sandlin, J.A.). Routledge, 2019; Pedagogia e Práxis na Era do Império (com N. Jaramillo). Sense Publishers, 2007; Raiva + Esperança. Peter Lang, 2006; Capitalistas e Conquistadores. Rowman e Littlefield, 2005; Ensino Contra o Capitalismo Global e o Novo Imperialismo (com R. Farahmandpur). Rowman e Littlefield, 2005; Seminários Vermelhos: Excursões Radicais na Teoria Educacional, Política Cultural e Pedagogia. Hampton Press, 2005; Marxismo Contra o Pós-modernismo na Teoria Educacional (com D. Hill, M. Cole e G. Rikowski). Lexington Books, 2002. Giz Vermelho (com M. Cole, D. Hill e G. Rikowski). The Tufnell Press, 2000; Che Guevara, Paulo Freire e a Pedagogia da Revolução. Rowman e Littlefield, 2000; Vida nas Escolas: Uma Introdução à Pedagogia Crítica nos Fundamentos da Educação, 1998; Multiculturalismo Revolucionário: Pedagogias da Dissensão para o Novo Milênio. Westview Press, 1997; Contranarrativas (com H. Giroux, C. Lankshear e M. Peters). Routledge, 1997; Pedagogia Crítica e Cultura Predatória. Routledge, 1995; Escolaridade como uma performance ritual. Routledge, 1986; Gritos do corredor: Os novos guetos suburbanos. Methuen, 1980.

Palavras-chave: Pedagogias críticas; Educação; Teoria crítica em educação.

1. PETER MCLAREN, QUAIS ELEMENTOS CONTEXTUAIS TORNARAM POSSÍVEL PARA UM PROFESSOR CANADENSE ASSUMIR A TEORIA CRÍTICA NA EDUCAÇÃO?

Essa é uma boa pergunta, Luis. Uma resposta curta seria que minha formação política básica (o que os alemães chamam de "bildung") ocorreu durante a década de 1960 em minha cidade natal, Toronto, Canadá. Toronto tinha uma contracultura ativa. Havia uma rua no centro da cidade chamada Yorkville, e era lá que artistas, músicos, poetas, escritores, pessoas de diferentes seitas religiosas e ativistas políticos se reuniam nos fins de semana. A rua tinha livrarias e cafés alternativos com música folk ao vivo tocada por compositores como Gordon Lightfoot. Passei vários anos visitando Yorkville quase toda semana quando era adolescente. Durante os verões, trabalhei como auxiliar de enfermagem (limpava o chão e os banheiros) em uma ala de câncer infantil, colocava livros nas prateleiras da biblioteca pública local e trabalhava como zelador em outro hospital. Com o dinheiro que eu tinha economizado, durante o verão, eu voltava depois das noites em Yorkville para minha casa tranquila nos subúrbios de Willowdale com sacolas abarrotadas de discos e literatura alternativa e, claro, bolsos cheios de "ervas daninhas verdes". Havia jornais alternativos em Yorkville com política de esquerda. Eu lia com grande interesse.

Eu nasci em Toronto, onde vivi por 35 anos, exceto por quatro anos em Winnipeg, dos 11 aos 15 anos. Meus pais eram da classe trabalhadora. Minha família veio de uma longa linhagem de fazendeiros e mineradores. Meu pai cresceu em Hamilton, Ontário, que naquela época era o local de duas empresas de fabricação de aço, Stelco e Dofasco. Meu pai não queria trabalhar nas fábricas de aço ou em outras fábricas da área e então ele foi



para Toronto em busca de melhores oportunidades de emprego. Ele encontrou um emprego como segurança em um bar. (Seguranças separam brigas e expulsam bêbados do bar). Meu pai tinha 1,90 m, e minha mãe, 1,30 m. Eu tinha 1,80 m, mas encolhi consideravelmente na velhice. Meu pai se ofereceu para lutar contra os nazistas na Segunda Guerra Mundial e deixou o Canadá em 1939 como membro da Royal Engenheiros canadenses, para fazer treinamento na Inglaterra. Ele viu o combate durante a campanha italiana e na Holanda. Ele retornou a Toronto após o fim da guerra em 1945 e estava relutante em compartilhar os horrores que havia vivenciado. Eu nasci três anos após o fim da guerra. Meu pai descobriu que tinha um dom para vender produtos e acabou em vendas de televisão e rádio para a Philips Electronics, uma empresa sediada na Holanda. Durante a guerra, meu pai fez parte das forças armadas que ajudaram a libertar aquele país dos nazistas. Meu pai acabou como gerente da Philips para o leste do Canadá e então nos estabelecemos em uma vida confortável de classe média. Durante a década de 1960, eu era considerado um "hippie" e parte da contracultura e depois que terminei o ensino médio, fui para São Francisco e Los Angeles para protestar contra a Guerra do Vietnã. Milhares de canadenses se ofereceram para lutar naquela guerra, e eu queria conhecer ativistas americanos que eram contra a guerra. Em São Francisco, durante um show, acabei conhecendo Timothy Leary, o famoso professor de Harvard que foi pioneiro no uso de LSD. Ele me perguntou se eu queria experimentar algumas pílulas roxas. Acabamos tendo uma viagem psicodélica juntos. Leary acabou na lista dos mais procurados do FBI e foi enviado para a prisão, onde ocupou uma cela ao lado do assassino em massa Charles Manson. Eu me encontrei com Leary brevemente anos depois, quando ele foi libertado da prisão e estava claro que ele não se lembrava de mim. Enquanto estava em São Francisco - isso seria 1968 - morei com um grupo de hippies no distrito de Haight Ashbury e fui investigado pelo FBI por ser um deserto militar, mas não fui preso quando descobriram que eu era canadense. Deixei os EUA para o Canadá alguns meses depois para minha confortável casa de classe média em Toronto. Foi lá que aprendi sobre um canadense famoso, Norman Bethune, que cresceu em Gravenhurst, a três horas de carro da casa dos meus pais. Um canadense escocês, como meu pai, Bethune era um médico, que era membro do Partido Comunista do Canadá, que lutou pelo lado republicano na Guerra Civil Espanhola com sua unidade, o Servicio canadiense de transfusión de sangre. Bethune se juntou ao Oitavo Exército de Rota de Mao, que estava lutando contra os japoneses, onde ele desenvolveu procedimentos médicos inovadores no campo de batalha. Bethune foi um combatente comunista internacional que não apenas trouxe medicamentos e dispositivos médicos para a área da base, mas



também treinou médicos e enfermeiros. Eu aprendi que Bethune havia desenvolvido métodos móveis de transfusão de sangue e foi creditado por trazer a medicina moderna para a China. Bethune até tratou de um soldado japonês ferido que, depois, ficou na China como parte da aliança anti-guerra e se tornou um combatente antifascista. Mao fez o elogio fúnebre quando Bethune morreu em 1939. Eu sempre considerei Bethune um grande herói canadense. Muitas décadas depois, quando eu tinha quase 70 anos e lecionava no nordeste da China, fui internado no Segundo Hospital Norman Bethune da Universidade de Jilin, em Changchun, e quando souberam que eu era canadense, a equipe do hospital sorriu e me deu uma recepção especial.

O exemplo de Bethune sempre ficou comigo.

Como estudante de graduação na Universidade de Toronto, e mais tarde na Universidade de Waterloo, fiz várias aulas, como espanhol (no qual fui reprovado), literatura russa, teatro infantil e cristologia (lembro que a aula de cristologia era na Universidade Wilfred Laurier). Alguns dos meus professores eram dos EUA e eram "resistentes ao recrutamento" que se recusaram a lutar no Vietnã, então vieram para o Canadá para evitar serem presos. Eles realizaram reuniões onde criticaram as guerras imperialistas dos EUA e centenas de estudantes compareceram a essas reuniões. Eles distribuíram literatura anti-guerra do Vietnã e comecei a ler sobre o Movimento dos Direitos Civis, obras de Martin Luther King e Malcolm X (ambos assassinados). Fui apresentado a obras de Lenin, Marx, Trotsky. Depois de me formar com meu diploma de bacharel na Universidade de Toronto, passei um ano treinando para me tornar um professor de escola primária e lecionei por um ano em uma cidade canadense rica. Eu lecionei no ensino fundamental, 7^a e 8^a séries, e decidi que esses alunos seriam admitidos na universidade porque eram filhos da classe dominante e no ano seguinte fui lecionar no Corredor Jane-Finch em North York, que era considerada a área mais perigosa do Canadá para crimes violentos. Eu queria trabalhar com crianças da classe trabalhadora, e fui contratado por um diretor incrível em uma escola primária no Corredor Jane-Finch. Isso foi durante a década de 1970. A área era ladeada por prédios altos subsidiados pelo governo. Trabalhar com crianças em famílias monoparentais, com pais às vezes na prisão e com escassos recursos comunitários, provou ser desafiador. Tive sorte de ter um diretor famoso que teve uma influência profunda no meu ensino. Seu nome era Jim Montgomerie, e ele era conhecido como o "diretor que abraça". Um dia ele pegou uma marreta e entrou na escola e quebrou as paredes de seu escritório. Ele jogou fora sua mesa de escritório de metal e cadeira de metal e as substituiu por uma mesa redonda de pinho e uma cadeira de balanço. A qualquer momento durante o dia escolar, os alunos



podiam ir ao seu escritório e ele os abraçava e conversava com eles sobre os altos e baixos de suas vidas, como um avô benevolente. Ele era exatamente o tipo de educador de que os alunos precisavam. Ele se dedicava a fazer os alunos se sentirem bem consigo mesmos, se sentirem confiantes sobre quem eram. Jim e eu tínhamos um tipo de relacionamento pai-filho. Passei quase quatro anos ensinando naquela escola, mas estava ficando exaustivo, pois eu dirigia duas horas depois da escola para fazer aulas para meu mestrado na Brock University, em St. Catharines, não muito longe de Niagara Falls. Durante o ano em que fui aceito no programa de doutorado, acho que foi em 1979, decidi que publicaria o diário que mantive durante meus quatro anos de ensino. Ele documentou a violência que testemunhei entre os alunos. Mas também compartilhei histórias emocionantes de sua bondade e humanidade essenciais. Meu diário foi publicado sob o título, *Cries from the Corridor*, e se tornou um best-seller canadense no ano de 1980. Não havia nenhuma análise no meu diário; não consegui fornecer uma análise sociológica da comunidade ou da literatura sobre teoria educacional. Então, embora meu livro tenha sido um best-seller, ele foi criticado por não fornecer um contexto suficiente para meu diário. O editor me deu o que acabou sendo um conselho ruim — "deixe as histórias que você conta falarem por si mesmas". Mas, ao não fornecer um contexto para meu diário, como uma análise de classe e uma estrutura teórica, alguns leitores colocaram a culpa da violência na escola nos próprios alunos. No entanto, fiz uma turnê de divulgação do livro e fui entrevistado na televisão por Margaret Trudeau, a mãe do primeiro-ministro canadense, Justin Trudeau. Justin teria 9 anos na época.

Quando meu livro foi publicado, eu estava matriculado em um programa de doutorado no Instituto de Estudos em Educação de Ontário (OISE) da Universidade de Toronto. Aqui, aprendi sobre um educador no Brasil cujo nome era Paulo Freire. Depois de ler *Pedagogia do Oprimido* de Freire, questionei por que o trabalho de Freire não apareceu em nenhum dos programas da OISE. Nunca recebi nenhuma resposta confiável. Mas em uma das minhas aulas, o professor Richard Courtney, considerado um dos maiores especialistas do mundo em drama infantil, mencionou o livro *Teatro do Oprimido*, de Augusto Boal, e fiquei muito impressionado com este trabalho de um diretor de teatro brasileiro que se inspirou em Paulo Freire. Por um tempo, considerei ingressar na área de estudos dramáticos. (Anos depois, tive a honra de servir em um painel com Paulo e Augusto realizado no Rose Theater em Omaha, Nebraska, e me disseram que era a primeira vez que Paulo e Augusto se apresentavam juntos no mesmo palco.) Decidi pedir ao professor Courtney para presidir minha tese de doutorado. Enquanto eu era aluno de doutorado, dei uma palestra no departamento de antropologia sobre ritual, que eu estava



estudando para meu trabalho etnográfico. Durante esse tempo, também fiz um curso com um professor visitante, Michel Foucault. Ele dava aulas em inglês, com alguma ajuda com tradução. Ele me pediu para mostrar Toronto a ele; ele queria especialmente ver quais obras dele estavam nas livrarias locais. Ele me disse em particular, com um sorriso irônico, que Toronto não era "decadente" o suficiente para ele. Ele era brilhante, mas eu nunca me tornei um foucaultiano. Gostei de ouvir outro professor convidado, Umberto Eco, que me deu uma cópia de um dos manuscritos em que ele estava trabalhando, que acabei perdendo na minha mudança para os Estados Unidos. Também assisti a uma aula na York University em Toronto, ministrada por Ernesto Laclau. Então eu diria que tive muita sorte de estar no programa de doutorado naquela época. Durante uma conferência realizada no OISE, também tive a sorte de conhecer um dos nossos palestrantes convidados, Henry Giroux. Mantivemos contato após a conferência.

Finalmente concluí meu Ph.D. em 1984. Um amigo meu, Anthony Wilden (que traduziu uma obra famosa de Jacques Lacan chamada *The Language of the Self*), levou minha dissertação de doutorado com ele durante uma viagem à Inglaterra e a deixou nos escritórios da editora Routledge. Foi uma surpresa completa. Anthony (ou Tony, como seus amigos o chamavam) não me contou, porque não queria que eu ficasse desapontado se não fosse aceito para publicação. A Routledge o deu ao sociolinguista Basil Bernstein para avaliá-lo, e o professor Bernstein encorajou a Routledge a publicá-lo como um livro. Recebi um telegrama da Routledge me dizendo para não mostrar meu livro a outras editoras, pois elas queriam publicá-lo. Isso foi uma surpresa completa. Meu livro foi publicado em 1986 com o título *Schooling as a Ritual Performance*, e era um estudo etnográfico de uma escola em um bairro misto de italianos e açorianos em Toronto. Era uma escola católica. Eu tinha desenvolvido um forte contexto teórico ao escrever minha dissertação, o que foi para mim uma forma de compensar a falta de contexto em meu diário, *Cries from the Corridor*.

Após concluir meu doutorado em 1984, fui convidado por Giroux para me candidatar a uma vaga na Universidade de Miami, em Ohio. Giroux tinha sido demitido da Universidade de Boston pelo presidente fascista da universidade, John Silber, e agora era professor na Universidade de Miami, em Ohio, uma universidade cercada por campos de milho na zona rural de Ohio — uma área muito conservadora dos Estados Unidos. Silber estava obviamente intimidado pela mente afiada e política radical de Giroux. Após consultar minha esposa e minha filha, imigramos para os Estados Unidos, puxando todos os nossos pertences atrás de nosso pequeno Fusca. Henry e eu acabamos trabalhando juntos por oito anos. Ajudei Henry a desenvolver um centro de educação e estudos



culturais que foi, até onde sei, o primeiro centro de estudos culturais em educação nos EUA na época. Enquanto estava em Miami, escrevi uma versão expandida do meu diário, completa com o contexto teórico que faltava em *Cries from the Corridor*. Chamei este livro de *Life in Schools*. Depois de todos esses anos, é o livro pelo qual sou mais conhecido. O livro ainda é usado em aulas por professores com formação em estudos críticos. Eventualmente, Henry deixou Miami, Ohio, para lecionar na Pennsylvania State University e fui recrutado pela UCLA. Isso foi depois das surras brutais televisionadas de Rodney King pela polícia de Los Angeles. A UCLA precisava de alguém que pudesse trazer uma perspectiva crítica para o corpo docente da pós-graduação da UCLA. Dei aulas sobre teoria crítica, pedagogia crítica e pesquisa etnográfica crítica. Conheci Paulo Freire em 1985 em uma conferência em Chicago, onde Freire foi o palestrante homenageado. Paulo era incrível em sua humildade e gentileza. Ele escreveu o prefácio de um dos meus primeiros livros, *Critical Pedagogy and Predatory Culture*. E ele me convidou para participar de uma conferência em Cuba, acho que foi em 1987. Foi lá que conheci pela primeira vez professores cubanos, mexicanos e brasileiros. E recebi convites para o Brasil e o México. Isso marcou o início das minhas viagens internacionais. Por volta do início dos anos 2000, conheci um maravilhoso professor mexicano, Sergio Quiroz Miranda — que você conheceu Luis — e ele me perguntou se eu trabalharia com ele no desenvolvimento do Instituto McLaren, um instituto que oferece aulas de pedagogia crítica de uma perspectiva marxista, e eu concordei. O Instituto McLaren ainda está funcionando, e tem um ótimo corpo docente, e eu sei que você passou um tempo ensinando lá, Luis. Sergio, que ajudou a fundar o Partido Comunista de los Mexicanos, foi uma grande inspiração para mim. Juntos, viajamos por todo o México, trabalhando com professores. Tenho ensinado na Chapman University nos últimos dez anos. Então esse é mais ou menos o contexto que moldou meu trabalho ao longo dos anos. Mais recentemente, tenho me interessado pela teologia da libertação conforme ela foi desenvolvida na América Latina. Esse movimento tem sido muito importante para o meu trabalho.

2. RETORNANDO AO CAMPO QUE OCUPOU A MAIOR PARTE DO SEU TRABALHO, QUAIS SÃO OS ELEMENTOS CENTRAIS DAS PEDAGOGIAS CRÍTICAS?

Estou feliz que você tenha usado o termo pedagogias críticas no plural. Sim, não há um modelo singular de pedagogia crítica. O meu é simplesmente uma das muitas encarnações dentro do amplo campo da pedagogia crítica. Antes de meados da década de 1990, fui influenciado por tendências acadêmicas nos EUA que envolviam semiótica, pós-estruturalismo, desconstrução, análise do discurso, teoria queer, pós-colonialismo,



estudos culturais e, em menor grau, marxismo. Os estudantes latino-americanos, percebi, têm uma familiaridade muito maior com o pensamento marxista. Quando eu estava na China, pensei que encontraria a mesma situação com os estudantes, dado que eles têm escolas de marxismo em seus campi universitários. Mas o aluno não parecia bem versado em Marx, pelo menos nas universidades que tive a oportunidade de visitar e falar. Quando comecei a desenvolver a pedagogia crítica, logo após minha mudança para os EUA, os teóricos críticos da Escola de Frankfurt se tornaram fontes importantes para mim, especialmente Marcuse, Fromm e Walter Benjamin. Mas eu também estava envolvido com a teoria pós-moderna e o pós-estruturalismo, como os encontrados em obras de Baudrillard, Deleuze, Derrida, Guattari, Fredric Lyotard, Žižek, etc. Eu frequentemente descrevia meu trabalho durante aquele tempo como "pós-modernismo crítico" e era, até certo ponto, uma coleção excessivamente eclética e híbrida de perspectivas socioculturais direcionadas a questionar o que os pós-modernistas chamavam de "a crise da representação" no mundo referencial devido à fragmentação da linguagem e à crise da verdade no discurso político. Eu estava preocupado por um tempo em leituras sobre crise de legitimização, mediação cognitiva, o que Derrida chamava de *différance*, autopoiese, o paradoxo da autorreferencialidade, a impossibilidade de objetividade, a ideia de que a crítica não tem fundamento porque não existe nada fora dos efeitos da linguagem, etc. Fui encorajado por colegas tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra a considerar as limitações da minha orientação crítica e considerar me ater mais a uma análise marxista (materialista histórica) da escolarização capitalista e, assim, minha crítica mudou de uma concentração em estruturas discursivas para uma preocupação com uma política mais materialista em consonância com as críticas marxistas à economia política. Afinal, estamos diante de uma arquiestratégia capitalista que marginaliza a coletividade da classe trabalhadora e protege o indivíduo como a cadeia motriz do capitalismo empreendedor. A crítica deles era justificada, pois eu estava me preocupando com o textualismo, o voluntarismo e a política do desejo, e a instabilidade do significado — termos que eram de uso comum pelos pós-modernistas. O trabalho de Teresa Ebert foi de profunda importância para minha mudança na orientação teórica, afastando-me dos modos a-históricos e descritivos do pensamento contemporâneo e das leituras da cultura e da sociedade. O trabalho de Freire, é claro, me deu o ímpeto intelectual. precisava mudar meu foco de uma política de representação para uma política de mudança e transformação social radical que situa os problemas centrais do nosso tempo em relações capitalistas de exploração — para um mundo de oprimidos e opressores. Em outras palavras, mudei minha preocupação com análises pós-estruturalistas da cultura popular e,



eventualmente, adotei uma perspectiva humanista marxista revolucionária. Muitos dos meus colegas de esquerda na época eram cautelosos com a crítica marxista, especialmente filósofos marxistas-leninistas ortodoxos. Eles também desconfiavam dos membros da primeira geração da Escola de Frankfurt, já que a tradição marxista estava virtualmente ausente na bolsa de estudos educacional nos EUA na época, incluindo o trabalho de teóricos críticos, e eu presumi que isso se devia à falta de envolvimento sério com os escritos de Marx. Sua aversão à leitura de Marx também se devia ao seu desprezo pelas ditaduras totalitárias da União Soviética, China e países do Bloco Oriental, que alegavam estar seguindo os passos de Marx. Aqueles que eram ambiciosos o suficiente para ler Marx se opuserem à ideia de ler Hegel, especialmente sua Ciência da Lógica, que eles alegavam que levaria anos de estudo para compreender sua filosofia. Educadores nos EUA frequentemente reclamavam da linguagem complexa usada por teóricos críticos e materialistas dialéticos. Muitos dos meus colegas permaneceram presos por teorias utópicas de individualidade empreendedora e agência ligadas a formas de voluntarismo e pragmatismo, formas aliviadas pelas forças da história. Para muitos dos meus colegas, o pós-estruturalismo e sua ligação afiliativa com a produção de identidade era tudo o que era necessário para entender os problemas das formações e instituições socioculturais contemporâneas e para garantir que funcionassem democraticamente. No entanto, tal abordagem era muitas vezes tolerante à exploração — exploração capitalista em particular. O que faltava em seu trabalho era o papel oressivo do capital financeiro e sua relação com as relações e forças da produção capitalista e uma compreensão crítica da totalidade social em sua especificidade histórica. Para eles, o marxismo era uma teoria muito totalizante, muito determinista, muito carregada de suposições pré-ordenadas. Eles caíram na armadilha de criar uma pedagogia que promove um sujeito isolado, alienado e burguês — em outras palavras, uma pedagogia de livre expressão e individualismo transsocial. Muitas vezes, as pedagogias liberais burguesas veem a opressão como uma questão de identidade — a experiência de ser negro, gay ou branco. Mas a opressão não pode ser explicada pela experiência. Precisamos de uma análise da experiência, uma análise dos efeitos da experiência, ou seja, uma compreensão dos efeitos da experiência, uma análise que, em outras palavras, vai além da experiência. Você só aprende com as experiências com as quais aprende. Isso significa que precisamos de uma linguagem para interpretar a experiência, uma linguagem que possa nos ajudar a desvendar as condições materiais das experiências. A pedagogia crítica aponta para as ciências sociais como um meio de desenvolver novas terminologias que podem nos ajudar a entender nossas experiências como resultantes tanto das determinações estruturais quanto das



contingências do capitalismo, que fazem parte da totalidade contingente do capitalismo. Minha preocupação é focar em teorias que levarão a mudanças materiais na sociedade, que, com efeito, ajudariam a promover as condições de possibilidade para uma alternativa socialista a um mundo voltado para a produção de valor (ou seja, riqueza monetária acumulada). Esta foi uma reclamação que discuti uma noite com Lyotard em relação ao seu trabalho sobre o pós-modernismo. Com o passar do tempo, apreciei cada vez mais a ênfase de Freire na transformação e libertação socioeconômica e ideológica, e fiquei impressionado com sua epistemologia marxista e o materialismo dialético no cerne da pedagogia de Freire. Wayne Au revelou que o materialismo dialético era uma visão de mundo paradigmática que informava o trabalho de Freire, existindo como um sistema multicamadas e inter-relacionado, uma totalidade, uma cadeia de relacionamentos e processos. O modo de pensar de Freire era paradigmaticamente distinto da lógica racional individualista do Iluminismo ocidental; era muito diferente da propensão dos pós-modernistas de desenvolver seus próprios idiomas contingentes à medida que avançavam, em total cumplicidade com as relações sociais capitalistas. Então, da teoria crítica e do trabalho de Freire, adaptei a crítica ideológica, que tentou desmascarar e despir as suposições culturais reinantes dos agentes e interrogar criticamente as estruturas e relações de poder social dominantes. Ao fazer isso, precisamos localizar nossa própria experiência e a de nossos alunos em um quadro histórico-mundial; em outras palavras, dentro de relações sociais específicas de produção. Marx falou sobre não apenas entender o mundo, mas mudá-lo — "Os filósofos apenas interpretaram o mundo de várias maneiras; o ponto é mudá-lo" — e levo esse desafio a sério. O importante é transformar as próprias estruturas do patriarcado capitalista supremacista branco por meio de uma práxis pedagógica guiada pelos conhecimentos revolucionários produzidos pelo materialismo histórico. Abordo meu trabalho no contexto da crise da modernidade e a extração sistemática de mais-valia de regiões proletarizadas do mundo (regiões que estão experimentando decadência em um clima de nacionalismo burguês-comprador) culminando em uma condição de grande desigualdade e uma divisão de trabalho flagrantemente desigual e estruturalmente inescapável.

A pedagogia crítica revolucionária se dirige aos problemas da reificação e da mercantilização da vida cotidiana, quando o conceito do social é concebido como uma totalidade contingente. Mudar o mundo não pode ser alcançado simplesmente apelando à consciência individual das pessoas. Istvan Meszaros afirma, corretamente, que um apelo à consciência individual continua sendo insuficiente porque "evita as causas sociais dos sintomas negativos denunciados". Precisamos, em vez disso, mudar as determinações



estruturais da ordem social estabelecida, uma ordem que produz e reproduz os efeitos destrutivos das relações sociais capitalistas de exploração. Para mim, o trabalhador é o sujeito produtor da sociedade capitalista e o capitalista é o pseudosujeito. Como Meszaros explica: "Não obstante as mistificações fetichistas do sistema do capital, o verdadeiro sujeito produtor é o trabalhador; o capitalista como o suposto sujeito controlador — que é de fato firmemente controlado pelos imperativos estruturais necessariamente prevalecentes da ordem estabelecida — só pode ser um pseudo sujeito usurpador. Consequentemente, apenas o sujeito realmente produtor, o trabalho, pode adquirir a consciência reguladora viável e produtivamente viável sob as condições históricas do nosso tempo."

Precisamos compreender criticamente que a educação é reproduutora de uma ordem social exploradora porque se baseia nos fundamentos do valor de troca capitalista. A pedagogia crítica revolucionária é um modo de conhecimento social que funciona para desvendar o poder econômico e político, a lógica abstrata da exploração da classe trabalhadora que opera dentro de regimes de dominação. Precisamos de mais do que compaixão liberal e um cosmopolitismo poliglota que efetivamente mascare as contradições inerentes ao sistema atual de produção capitalista de mercadorias. Marx nos alertou repetidamente que cada nova sociedade carrega sua própria negação dentro de si, a contradição interna — e podemos nos tornar agentes que efetuam mudanças. É disso que se trata o trabalho de Freire, criar agentes que podem moldar suas próprias histórias, em vez de permanecerem como vítimas da história da classe capitalista. Como provamos a verdade do nosso próprio pensamento? Provamos isso em nossa práxis. E no caso de Freire, nossa práxis revolucionária. Essa contradição a que Marx se refere é expressa na luta de classes. Que exige que, como socialistas internacionais, transformemos as circunstâncias nas quais nos encontramos intratavelmente enredados. Novamente, podemos fazer isso por meio de uma forma de práxis revolucionária que chamamos de luta de classes — onde as várias classes lutam pelo excedente produzido pelo trabalho social. Uma luta, a propósito, que se tornou mais difícil desde que agora temos que lidar com formas de capitalismo transnacional, com novos e emergentes circuitos globais de produção, com um sistema financeiro e de produção global muito maior do que já vimos na história do capitalismo, como um sistema organizado de forma globalmente fragmentada e descentralizada, frequentemente com a assistência de tecnologia computadorizada. Agora estamos diante de uma classe capitalista transnacional, de acordo com William I. Robinson, e ele não pinta um quadro bonito. Que papel nós, como educadores, temos que desempenhar como parte de uma classe



trabalhadora internacional que pode enfrentar e, eventualmente, derrotar essas formas de capitalismo transnacional? A situação nos EUA é sombria, já que o poder dos sindicatos diminuiu drasticamente. Meu papel no campo da pedagogia crítica tem sido convocar uma coalizão ampla e não sectária ou movimento social que seja capaz não apenas de desafiar os modos contemporâneos de produção e reprodução, mas de criar condições em ambientes educacionais que possam capacitar os alunos a se tornarem ativistas, a desafiar as estruturas dominantes de governo de classe que atendem aos interesses de poucos às custas de muitos.

Não existe apenas uma pedagogia crítica, mas muitas pedagogias críticas, como mencionamos anteriormente. Não gosto de usar o termo no singular. O que tentei fazer foi expor as limitações da pedagogia crítica liberal de esquerda, pedagogia crítica liberal, pedagogia crítica conservadora e variantes de cada uma delas e propor uma alternativa que chamo de pedagogia crítica revolucionária. Para resumir, a pedagogia crítica revolucionária é baseada na luta de classes e é materialista por natureza — o que não significa que não podemos discutir a importância da espiritualidade, da teologia da libertação e coisas do gênero. Mas existem pedagogias críticas que não desafiam o capitalismo e eu queria enfatizar que minha abordagem à pedagogia crítica é voltada para desafiar as relações sociais capitalistas diretamente. Cada abordagem à pedagogia tem visões implícitas ou explícitas do estado, da democracia, da raça e assim por diante. Meu desafio era revelar as limitações das pedagogias que convergem, muitas vezes involuntariamente, com a ideologia, política e prática neoliberais, que adotam os princípios normativos do estado de bem-estar social keynesiano. Outras pedagogias convergem ideologicamente com o estado empreendedor — que segue a lei capitalista do valor defendida por Hayek. Tony Smith olha para Polyani para identificar o que ele chama de “estado ativista” que administra a intervenção estatal em sua política industrial e coloca restrições governamentais sobre regras e regulamentos para atrair capital de investimento global. Alguns educadores liberais de esquerda preferem a ideia de “estado cosmopolita” derivada dos escritos de Habermas, onde formas de governança de mercado global podem prevalecer que são intranacionais em vez de nacionais. Esta é a ideia do estado como protetor da sociedade civil global. Eu não gostaria de apoiar modelos de estado que apoiam o trabalho assalariado. Porque Marx nos mostrou que o trabalho assalariado apenas “parece” incluir uma troca igual. Os trabalhadores vendem sua capacidade de trabalhar para um empregador que é capaz de extrair um valor maior do trabalhador do que os meios de sobrevivência dos trabalhadores. Eu prefiro um modelo socialista de mercado, baseado em cooperativas, isto é, indústrias democraticamente autogeridas e



administradas por trabalhadores. Eu não colocaria toda a minha fé na sociedade civil, nas ONGs e nos novos movimentos sociais porque estes operam a partir de relações contraditórias internas ao próprio processo do capitalismo, contradições que se manifestam através da longa história de expansões verticais e horizontais do capitalismo. Em vez disso, atribuo a uma práxis revolucionária crítica onde se entende as relações internas do capital e se luta para superá-las, para transcendê-las por meio da criação de um mundo onde a produção de valor deixa de existir. Mas a pergunta que precisamos fazer é: como abolimos a produção de valor, o trabalho assalariado? Sou apenas um utópico romântico? Bem, algumas pessoas sem dúvida pensam assim. Mas não acho que a sociedade civil seja um local-chave de emancipação.

Afinal, a sociedade civil é parte integrante do estado. E o capitalismo permeou todas as esferas da vida social, incluindo a sociedade civil e a esfera pública. O objetivo maior tem que ser a criação de um universo social fora da forma de valor do capital. Qualquer coisa aquém disso não trará emancipação. A pedagogia crítica revolucionária se esforça para a abolição do capital como uma relação social. Esta é a principal diferença entre minha posição e a de muitos outros educadores críticos. Não estou pedindo uma revolução violenta. Estou pedindo uma revolução na maneira como entendemos os perigos do capitalismo. É um desafio enorme, quero dizer, se você sequer mencionar a palavra capitalismo em um sentido depreciativo, você será examinado em ambientes universitários como talvez um inimigo do estado. Aconteceu comigo e não é algo que você queira desejar.

3. EM QUE ASPECTOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA A PEDAGOGIA CRÍTICA PODE SER ÚTIL PARA OS PROFESSORES DE SALA DE AULA HOJE?

Há elementos de pedagogia crítica dos quais os professores de sala de aula podem se beneficiar. Mas não nesta conjuntura histórica em Belly of the Beast. Por exemplo, minha colega Suzanne SooHoo conta a história de uma professora de jardim de infância. A professora levou sua turma para um passeio pela escola e pediu aos alunos que escrevessem o que gostavam e o que não gostavam na escola. Todos os alunos concordaram que não gostavam da merda de cachorro no parquinho. A professora pediu que contassem as fezes de cachorro todos os dias e fizessem gráficos de barras simples do que contavam. Foi descoberto que segunda-feira era o dia em que a maioria das fezes aparecia no parquinho. Os alunos perceberam que os cachorros estão cagando mais durante os fins de semana. A professora levou os alunos à Prefeitura, onde fizeram uma apresentação ao Prefeito e ao Conselho Municipal. O conselho municipal aprovou uma lei



que proibia as pessoas de passear com seus cachorros na propriedade da escola durante os fins de semana, punível com multa, pois representava uma ameaça à saúde das crianças. Ela colocou placas em todos os prédios escolares do distrito escolar com uma mensagem nesse sentido. Parabéns a esses alunos do jardim de infância por sua compreensão da sociologia elementar. Que eles cresçam para se tornarem pesquisadores críticos. Então você pode começar de forma simples. Você faz o que é capaz de fazer como professor dentro das restrições estruturais que existem. Hoje, nos EUA, os professores estão deixando seus empregos em taxas recordes por causa do culto a Trump que aprisionou as mentes dos políticos republicanos que estão atacando as escolas por praticarem a ideologia "woke" (liberal). DeSantis assinou o 'Stop WOKE Act' em 2022, projetado para restringir como as questões raciais são ensinadas em escolas públicas e locais de trabalho. Em jogo nessas narrativas históricas está a capacidade de ensinar história. E nossa capacidade de desafiar nossa compreensão da natureza da relação entre história e verdade. As diretrizes de DeSantis na verdade sustentam que os escravos africanos se beneficiaram da escravidão, desenvolvendo habilidades que os serviram muito depois de serem libertados. Tal visão da escravidão "brankeia" o horror traumatizante da escravidão, os espancamentos, os estupros, as torturas, a separação forçada de familiares, o trauma de longo prazo que foi passado de geração em geração, efetivamente apagando da história os atos dos donos de escravos brancos, para que os brancos não possam ser vistos de forma negativa pelos alunos. As diretrizes, de fato, enfatizam como os brancos enfrentaram a escravidão. O que vem a seguir, ensinar sobre o Holocausto e alegar que os judeus aprenderam habilidades básicas nos campos de concentração! Foram as habilidades dos africanos no cultivo de tabaco, açúcar e arroz que se mostraram benéficas para os donos de escravos e criaram a riqueza obscena dos Estados Unidos. Os africanos não eram "tábuas rasas" antes de serem vendidos como escravos. Eles já tinham habilidades e os donos de escravos garantiram que essas habilidades os beneficiassem, e não os escravos. O ensino da raça exige que coprocessemos nossas emoções com nossos alunos, fornecendo espaços para nomear nossos sentimentos e reações a eventos históricos envolvendo a escravidão nos Estados Unidos e localizando esses eventos históricos em testemunhos reais de escravos. Mas os estudantes não poderão ler a Slave Narrative Collection, um grupo de relatos autobiográficos de ex-escravos, que foi compilado em dezessete estados durante os anos de 1936 a 1938 e consiste em mais de duas mil entrevistas com ex-escravos.



Uma lei proposta pelos republicanos na Flórida, conhecida pelos críticos como o projeto de lei "Não diga gay", proíbe os distritos escolares públicos de ensinar sobre orientação sexual ou identidade de gênero do jardim de infância até a terceira série, abrindo a porta para uma proibição semelhante em níveis de ensino mais altos. Ataques a professores "woke" que ensinam "disciplinas divisivas" relacionadas a questões LGTBQ e à Teoria Crítica da Raça mudaram o cenário do ensino em todo o país.

A Teoria Crítica da Raça (CRT), que é uma forma de teoria crítica que analisa o racismo sistêmico nos Estados Unidos, agora é proibida. Se você ensinar sobre práticas racistas da maioria branca, será rotulado de racista! Se você discutir com os alunos a persistência do racismo antinegro nos Estados Unidos e os assassinatos injustificados de homens negros pela polícia, você pode ser demitido do seu emprego. O CRT (que é ensinado no nível universitário ou de faculdade) se desenvolveu a partir de estudos jurídicos críticos associados a faculdades de direito cujos pesquisadores pegaram emprestado ideias da teoria crítica, realismo jurídico e análises marxistas e estavam interessados na construção social da raça, na normalização do racismo e nos meios pelos quais pessoas de cor continuam a ser sistematicamente exploradas por meio de instituições e estruturas que são baseadas em raça, ideologicamente tendenciosas em favor da classe dominante, hierárquicas e extremamente injustas e servem para reproduzir hierarquias estruturadas que atendem aos interesses dos ricos e poderosos. Como você pode imaginar, o CRT provou ser crucialmente importante no ensino de história, mas não pode haver ensino de história como iluminado pelo CRT. Isso é essencialmente um ataque ao significado e propósito da história em si. O CRT revela que ações racistas não são simplesmente perpetradas por atos individuais isolados de vileza, mas estão total e fatalmente inseridas na discriminação sistêmica injusta contra afro-americanos e outros grupos minoritários raciais em uma ampla faixa dos bens comuns cívicos. O CRT aprimora nossa compreensão de microagressões direcionadas a pessoas de cor diariamente. Ela também revela práticas de racialização diferencial e ilumina a maneira como a sociedade foi sistematicamente organizada para servir aos interesses da burguesia essencialmente branca. Os republicanos estão "incendiando" sua base de apoiadores — os mesmos apoiadores que tentaram derrubar a eleição de 2020, que tentaram encontrar Mike Pence no edifício do Capitólio e enforcá-lo, os mesmos apoiadores que se gabam abertamente de serem neonazistas. O que eles tentarão a seguir?

Basta olhar para o crescimento exponencial de grupos de milícias brancas, neonazistas e etnonacionalistas supremacistas brancos e fascistas declarados que agora existem em todo Os Estados Unidos – eles estão carregando AR-15s em espaços públicos, incluindo



reuniões escolares – e alguns deles estão mirando em pessoas negras para assassinar a sangue frio. Se formos forçados a encobrir a luta pelos direitos civis em um manto de amnésia social e histórica, estamos perdidos como nação no combate ao racismo, em desafiar a discriminação contínua contra pessoas de cor, incluindo imigrantes. As guerras culturais atuais são diferentes das da década anterior, pois agora se originam de um "medo de extinção" da raça branca. Elas inflamam sentimentos racistas, misóginos e sexistas latentes e os transmitem por meio das mídias sociais com pouca ou nenhuma responsabilização. A toxicidade da política contemporânea dos EUA transformou a raça em uma arma e transformou a branquitude em uma identidade sagrada – os brancos são chamados de "cidadãos legados" – cujos direitos devem ser defendidos acima de todos os outros, incluindo aqueles imigrantes estupradores e assassinos que Trump descreveu como vindos do México, ou aqueles que Trump descreveu como vindos de "países de merda", mesmo ao custo de suspender a Constituição e resolver as coisas por conta própria. Houve um tempo em que os professores podiam expressar opiniões críticas sobre seu país. Mas esse momento não é agora. Professores em estados azuis (estados democratas) como a Califórnia têm mais possibilidades de expressar suas opiniões com seus alunos em ambientes universitários. Mas esse não é necessariamente o caso em escolas públicas de ensino médio ou fundamental. Em minhas próprias aulas, eu condenaria sem reservas e com frequência a classe política dos EUA e a política externa triunfalista dos EUA, que inclui as intervenções militares ainda em andamento dos Estados Unidos, bem como as incursões passadas dos EUA no Vietnã, Iraque e Afeganistão (para citar apenas algumas) que mataram centenas de milhares de pessoas inocentes e deslocaram milhões. Não me abstive de descrever os militares dos EUA como os Mestres da Guerra. Discuti com meus alunos o histórico de violência da classe política dos EUA que não tem paralelo na história moderna - e aqui estou pensando no golpe de 1973 apoiado pelos militares dos EUA no Chile, levando à derrubada e morte do presidente Salvador Allende, e à tortura e assassinato de milhares de chilenos. Estou pensando na luta pela liberdade em El Salvador e nas armas fornecidas pelos EUA aos esquadrões da morte que realizaram atos hediondos de tortura e assassinato contra os camponeses e os padres e freiras jesuítas que se manifestaram contra os assassinos. Estou pensando no apoio dos EUA aos Contras na Nicarágua que tinham como alvo professores e crianças. Não hesito em mencionar às minhas aulas que nossos think tanks são financiados por traficantes de armas, e nossas decisões sobre quem invadir são feitas com a aprovação da classe bilionária da América. A história de aventureirismo imperialista do governo dos EUA não está fora dos limites em muitos ambientes universitários nos



estados azuis, mas nos estados vermelhos (que têm maioria republicana), você está arriscando seu emprego se criticar os Estados Unidos. Os republicanos criaram uma estratégia brilhante, argumentando que os professores da América são comunistas e odeiam a América. Eles estão tentando construir uma sociedade global controlada pelas Nações Unidas. Eles estão preparando crianças para mudar seus gêneros. Então, um grupo chamado Moms of Liberty foi criado, que detém tremenda influência e poder para decidir quais livros podem ser ensinados nas escolas, quais livros devem ser proibidos e quais professores devem ser demitidos por desrespeitar o país. Eles estão fazendo isso sob os auspícios dos "direitos dos pais". Aqui está como eles se descrevem:

Moms for Liberty dá as boas-vindas a todos que desejam defender os direitos dos pais em todos os níveis de governo.

Nossas fundadoras são Tiffany e Tina, mães em uma missão para atiçar o fogo da liberdade. Como ex-membros do conselho escolar, elas testemunharam como políticas míopes e destrutivas prejudicam diretamente crianças e famílias. Agora, elas estão usando seu conhecimento e experiência em primeira mão para unir pais que estão prontos para lutar contra aqueles que estão no caminho da liberdade. Moms for Liberty se dedica a lutar pela sobrevivência da América, unificando, educando e capacitando pais para defender seus direitos parentais em todos os níveis de governo.

Qualquer professor que for criticado por um membro do Moms for Liberty terá dificuldade em manter seu emprego. Aqui está como Christopher Rufo, o maior crítico da teoria crítica da raça nos EUA, condenou a influência de Paulo Freire neste país, bem como meu trabalho e o do meu camarada, Henry Giroux⁵.

Se Trump for reeleito em 2024, as facas republicanas estarão mais afiadas do que nunca.

4. A EDUCAÇÃO ESTÁ SOB PRESSÃO PARA COLOCAR A TRANSFORMAÇÃO DIGITAL NO CENTRO DE SEU TRABALHO. O QUE VOCÊ ACHA SOBRE ISSO?

Os professores precisam entender melhor os efeitos da transformação digital ou teremos sérios problemas, mais problemas do que podemos imaginar. Estou dizendo isso como alguém que por muitos anos resistiu a investigar nosso mundo digital e pós-digital. Adolescentes e jovens foram absorvidos por este mundo desde que eram crianças e eu sentia que estava ficando muito para trás para alcançar meus filhos ou netos, ou alunos em minhas aulas. Sou um veterano e o que nós nos EUA chamamos de "old school" - o

⁵ RUFO, Christopher. A esquerda está reengenharia da alma humana. Nossos filhos são as cobaias. Disponível: em: <https://www.firstthings.com/web-exclusives/2023/07/the-left-is-reengineering-the-human-soul-our-children-are-the-guinea-pigs>. Acesso: set. 2024.



que significa que ainda escrevo teimosamente com uma caneta e depois transfiro minhas anotações para meu computador. Uso roupas vintage dos anos 1940 e 50. Às vezes me sinto perdido no tempo. Ainda tenho problemas para consertar falhas no meu celular e computador. No entanto, tenho a responsabilidade como educador crítico de entender como a tecnologia está nos afetando emocionalmente, psicologicamente e politicamente. Petar Jandric, um professor e camarada croata, tem sido fundamental para lançar uma luz crítica sobre o universo tecnológico de hoje. Imagine, estamos agora em um mundo onde o ChatGPT da OpenAI (parte da família de modelos de linguagem Generative Pre-trained Transformer) tem recursos que nos permitem dialogar com um "chatbot" ou LLM [máquina de aprendizado lógico] que tem a capacidade de "responder a perguntas de acompanhamento, admitir seus erros, desafiar premissas incorretas e rejeitar solicitações inapropriadas". Chomsky está correto quando alerta sobre os perigos de usar o ChatGPT como uma forma de plágio de alta tecnologia. Mas há outras preocupações também. Esses sistemas realmente precisam ser regulamentados. Precisa haver alguma restrição de idade e regulamentos de privacidade e regras de proteção de dados. As regras de privacidade foram violadas na Itália recentemente e houve um bloqueio geográfico geral de usuários naquele país. Os usuários precisam ser capazes de exercer seus direitos e não concordar em permitir que seus dados pessoais sejam usados para treinar os algoritmos da OpenAI. Também há o perigo de esses chatbots inventarem informações falsas sobre indivíduos.

Quando eu era um estudante do ensino médio, meu professor de inglês sugeriu que eu lesse o trabalho do acadêmico canadense, Marshal McLuhan, que de certa forma era um determinista tecnológico, mas que revolucionou o estudo da informação. Um herói canadense genuíno. Eu rapidamente me enterrei em todos os seus livros. Eu fui presunçoso o suficiente para considerar convidar McLuhan para estar no meu comitê de dissertação como um leitor externo durante meus estudos de doutorado antes de saber que ele teve um derrame e perdeu a capacidade de falar. Então esse sonho nunca se materializou. Eu sempre fui mais uma pessoa de "artes" do que de tecnologia, tendo feito uma graduação em drama elizabetano, e participado de algumas peças de teatro no ensino médio e na faculdade, e me considerei, correta ou incorretamente, um poeta durante minha adolescência e meus vinte anos (eu fazia parte de um grupo de estudantes do ensino fundamental conhecido como Jovens Poetas, muito antes do filme The Dead Poets Society tornar a poesia na moda. Embora eu tenha quase perdido toda a minha audição e tenha vários distúrbios auditivos e vestibulares debilitantes, ainda toco violão quase todos os dias. Então não foi fácil para mim fazer a transição de uma imersão nas



artes para um envolvimento com a tecnologia. Meu foco tem sido na contribuição da tecnologia digital para a ideologia e propaganda fascistas. Eu prefiro o termo, fascismo pós-digital. Algumas pessoas podem achar que eu uso demais o termo fascismo, e elas podem estar certas, mas não acho que os intelectuais públicos estejam usando o termo o suficiente. O fascismo é uma das maiores ameaças que nosso mundo enfrenta, e eu o classifico junto com o caos climático e a guerra nuclear. Ok, sim, todos nós conhecemos as contribuições positivas da internet. Mas estou focando em suas características mais perigosas que marcaram as últimas décadas. Nosso universo pós-digital hoje é sobrecarregado por plataformas projetadas para promover estruturas auto-organizadas de ódio, medo e raiva, e isso ajudou a redefinir a sociedade civil contemporânea ao normalizar ideologias, políticas e manifestos de extrema direita sobre pureza racial, etnonacionalismo, antiglobalismo e supremacia branca. Isso resultou em consequências perigosas para nossa democracia cada vez mais frágil, e especialmente com relação à batalha contínua pelos corações e mentes de nossa juventude. O ódio online tem consequências offline, como o entrelaçamento de grupos de ódio de extrema direita e desenvolvimentos orientados para a rede em tecnologia.

O trabalho de Stephen Albracht, Maik Fielitz e Nick Thurston tem sido especialmente esclarecedor em termos de compreensão de como a mídia media a política contemporânea, criando formas de extrema direita de cidadania digital por meio de algoritmos de ódio nos quais as redes podem confiar para atrair espectadores.

Esses algoritmos de ódio incorporados em nossa interatividade digital cotidiana causam estragos em nossas inseguranças, produzindo "públicos afetivos" online projetados para criar caos em nossa moderna "economia da atenção". Algoritmos são usados para controlar quanto tempo provavelmente focaremos em uma questão ou evento específico. Os republicanos têm usado tecnologias digitais e a infraestrutura sociotécnica das mídias sociais para promover o preconceito anti-imigrante por meio da pura difusão de histórias acumuladas e referenciadas cruzadamente. Isso produziu uma vitimização dentro do grupo e estereótipos fora do grupo de imigrantes como estranhos, ao fabricar formas de prazer excedente conectadas a um agrupamento algorítmico de conteúdo que gera ódio e xenofobia generalizada. As formas mais tóxicas de fascismo digital criam "outros imaginários" que então se tornam objetos de violência racial habilitada pela internet. As linhas entre o digital e a vida cotidiana tornaram-se perigosamente confusas.

Líderes autoritários populistas são capazes de transmitir suas declarações pós-verdade para suas massas de seguidores em rede - aqueles que são mais vulneráveis às culturas de ódio digital - por meio de uma curadoria de falsidades baseada em algoritmos e uma



dispersão exponencial de vitríolo. A arquitetura digitalizada e a manipulação métrica usada por nacionalistas cristãos brancos são um exemplo, pois eles espalham conspirações selvagens continuamente por meio de um eco digital câmara que canaliza medos, tribaliza cada vez mais a política e sobrepuja tentativas de desafiar mentiras por meios e estratégias baseadas em fatos.

Os supremacistas brancos têm usado técnicas ciberafascistas, incluindo intenso alarmismo, para se cultivarem como uma comunidade ameaçada que está sendo levada à extinção por imigrantes não brancos e, portanto, precisa de um líder forte e autoritário que promulgue leis fortes e anti-imigrantes. As novas encarnações de terroristas de banda larga nos EUA são obcecadas por temas e narrativas ultranacionalistas que retratam os EUA sob ataque de "marxistas culturais" e comunistas. Ao mesmo tempo, esses guerreiros etnonacionalistas pós-digitais disfarçam sua ontologia fascista sob uma paisagem de sonho americana repleta de fantasias de autoglorificação. Essa anulação digital da democracia também corroeu a solidariedade internacional com camaradas socialistas na Ucrânia e na Rússia — falhando em reconhecer que você pode se opor à invasão da Ucrânia por Putin e, ao mesmo tempo, se opor à OTAN.

Precisamos condenar as maquinações da OTAN e o papel do imperialismo dos EUA. Também precisamos reconhecer a Rússia como um estado protofascista engajado em uma guerra imperialista contra a Ucrânia. É possível tomar uma posição contra a OTAN, o imperialismo dos EUA e o imperialismo russo e ainda apoiar o direito da Ucrânia de perseguir seu próprio destino como nação.

Existe uma maneira de mudar esse ecossistema pós-digital? Fechar a liberdade de expressão e a liberdade de expressão não é o caminho a seguir. Precisamos entender como as estruturas de percepção são produzidas pelo novo fascismo pós-digital, e isso significa uma análise crítica de como os algoritmos fascistas são construídos nas próprias estruturas pós-digitais do nosso sistema nervoso central por meio da cosmologia da internet? Precisamos criar nossa aptidão para desembaraçar, desambiguar e decifrar a simbologia e a iconografia das culturas de extrema direita. Precisamos abrir buracos nos firewalls de ofuscação e engano da extrema direita. Precisamos aprender a nos proteger de nos tornarmos emocionalmente alinhados com as provocações armadas digitalmente de atores de extrema direita que se confortam com o caos e o desconforto que eles criam. Precisamos ter cuidado com os espaços digitais assíncronos criados pelo TikTok que estão preparando nossos jovens que migraram para a world wide web sem a facilidade necessária para navegar nas interações interculturais online de internautas de extrema



direita, tornando-se assim presas de fascistas correntes ocultas e se perdendo nas catacumbas labirínticas do Tecnoverso Fascista ou do culto de QAnon.

A tecnologia de mídia tem uma maneira de nos isolar de nossos eus protagonistas, impedindo-nos de tomar decisões independentes. Para aqueles de nós que estão lutando por uma alternativa socialista à lei do valor da democracia neoliberal, o fascismo pós-digital representa uma ameaça urgente à sobrevivência da própria liberdade nas formas como as tecnologias da informação estão sendo usadas pelo capital para criar mobilidade de capital através das fronteiras nacionais. Isso nos prendeu no sepulcro panóptico do estado de segurança nacional.

Precisamos construir estratégias para combater o fascismo do soft power, um fascismo que resulta em morte por mil cortes no cérebro digitalizado. Estamos lutando contra um adversário que está nos dando uma transformação mental, que está nos trazendo a morte por lobotomia digital, cortando nossas defesas para nossos próprios dispositivos fascistas não intencionais. Estamos diante de uma tecnologia que está a serviço do imperialismo de alta tecnologia, que está tentando sequestrar a cadeia de suprimentos informacional do mundo. Ela está nos levando para a toca do coelho e substituindo a realidade pelo cenário de sonho artificial da análise de tendências do Google, nos fazendo acreditar que estamos vivendo no melhor dos mundos possíveis.

Como os proletários de Marx, que possuem os meios para se tornarem os coveiros do capitalismo, podemos nos recusar a participar do fascismo digital não nos retirando do presente tecnológico, mas responsabilizando os tecnofascistas.

Você me perguntou sobre movimentos sociais na sua pergunta anterior. Quando olho para a história dos movimentos sociais, o que imediatamente me vem à mente é o movimento abolicionista que chamou a atenção para os males da escravidão, o movimento pelo sufrágio feminino após a Guerra Civil, que garantiu às mulheres o direito de votar com a ratificação da 19ª Emenda. Há o movimento trabalhista do final do século XIX e início do século XX, que nos deu um salário mínimo e uma semana de trabalho de 40 horas. Também nos deu o direito de greve. Então, é claro, houve o movimento pelos direitos civis das décadas de 1950 e 1960, e o movimento anti-Vietnã e antiguerra das décadas de 1960 e 1970. O que também vem imediatamente à mente é o movimento “MeToo” e o movimento pelos direitos gays, o movimento pela igualdade no casamento e o movimento ambiental. Há o movimento anti-apartheid e o movimento pelos direitos indígenas. Talvez um dia haja um movimento popular lidando com a tecnologia digital, cujos perigos estamos apenas começando a entender. Lembro-me de assistir ao fluxo de imagens no meu computador, imagens de insurrecionistas gritando e abrindo caminho no



principal complexo governamental do Brasil. Isso me fez estremecer. Isso me lembrou da insurreição no edifício do Capitólio dos EUA em 6 de janeiro. Revelou muito claramente os obstáculos que os brasileiros enfrentam ao confrontar a desinformação e as campanhas de ódio exercidas por regimes repressivos como o de Bolsonaro. Os insurrecionistas de Bolsonaro tentaram propagar plataformas digitais por meio de uma infraestrutura tecnológica nacionalista soberana que me lembrou da brutal ditadura militar brasileira tão amada por Bolsonaro. O jornalista Jake Johnson relatou que a tentativa de derrubar o governo recém-eleito do Brasil foi "diretamente auxiliada" por grandes plataformas de mídia social como Facebook, TikTok e Telegram, de acordo com o grupo de vigilância global SumOfUs. Os apoiadores de Bolsonaro utilizaram as plataformas, ferramentas e algoritmos de grandes corporações de mídia para agitar o fascismo.

Esse tipo de arquitetura digital está nas mãos de fascistas em todo o mundo. Muitas dessas plataformas são usadas para espalhar conspirações como o QAnon. Teóricos da conspiração do QAnon nos EUA afirmam que os democratas são canibais pedófilos e bebem o sangue de crianças, sob o olhar irônico de Lúcifer. Eles acreditam que Donald Trump inaugurará a Tempestade, onde prenderá e executará esses pedófilos democratas em público. E Bolsonaro realmente se gabou de que gostaria de canibalizar um índio ao descrever uma viagem ao povo Yanomami.

O TikTok e o Meta — a empresa controladora do Facebook, Instagram e WhatsApp — precisam ser responsabilizados. Extremistas de extrema direita estão operando livremente nas plataformas do Meta no Brasil e calibrando seus algoritmos para priorizar grupos antidemocráticos. A mesma coisa está acontecendo nos EUA e em outros países, onde o tecido conjuntivo digital está crescendo, apoiando, protegendo e dando estrutura a órgãos maiores de ódio. Estamos permitindo que monstros digitais operem livremente em nosso meio. Eles estão se escondendo à vista de todos. Nós os vestimos com roupas respeitáveis e eles agora têm livre acesso aos cérebros de muitos cidadãos do mundo. Se algum dia acordarmos de nosso pesadelo digital, nos encontraremos sepultados em um cemitério onde os sonhos da humanidade jazem empalados em estacas de ferro pelos gestos delicados e complacentes de programadores de computador, supremos em suas heresias algorítmicas e seguros em sua precisão precipitada em direção ao esquecimento.



5. A CRISE AMBIENTAL É UMA QUESTÃO DE PREOCUPAÇÃO PARA PEDAGOGIAS CRÍTICAS? COMO ELAS ABORDAM ISSO?

Luis, é uma grande preocupação para educadores críticos. Para muitos, é a principal preocupação dos nossos tempos. A tragédia é que, quando apenas 20% dos republicanos acreditam que a mudança climática é um problema urgente, é difícil tornar a ecopedagogia um curso obrigatório na formação de professores. Mas precisamos. É uma das prioridades educacionais mais urgentes. Na América do Norte, a ecopedagogia às vezes é vista como um grande tributário do campo da pedagogia crítica, mas suas origens foram rastreadas até a segunda Cúpula da Terra, realizada no Rio de Janeiro, Brasil, em 1992. Na verdade, um dos meus ex-alunos, Richard Kahn, é um dos pioneiros da ecopedagogia. Já escrevi sobre esse tópico, mas certamente não sou autoridade nessa área. O campo se desenvolveu significativamente desde os dias em que eu costumava discutir com Chet Bowers sobre as contribuições de Freire para a ecopedagogia (infelizmente, Chet faleceu quando estávamos planejando escrever algo juntos). Sou grato aos meus antigos alunos que fizeram incursões muito fortes nesta área crucial de bolsa de estudos e ativismo, e o conhecimento que tenho deste campo se deve à sua generosidade. A ecopedagogia começou, como eu a entendo, como uma crítica poderosa do que costumava ser chamado de "educação ambiental" ou, às vezes, "educação ao ar livre". Ela se concentra em questões de degradação ambiental e desenvolvimento sustentável e se preocupa com a forma como a natureza é representada por ambientalistas no norte global. Lembro-me de que, como professor do ensino fundamental na década de 1970, eu levava meus alunos a um centro de educação ao ar livre para aprender a fazer xarope de bordo. Nós reunímos a seiva e a levávamos para a casa de açúcar, para o evaporador e a víamos se transformar em xarope. Isso era considerado educação ambiental. Ao levar meus alunos a um centro ambiental, eu era considerado um professor "completo". Certamente não fazia parte de um programa de ecopedagogia baseado na comunidade ao ar livre! A ecopedagogia está situada na vanguarda do movimento de justiça ambiental, trazendo o poder da crítica e das abordagens de problematização da educação para a ciência patrocinada pelo estado e pelas empresas; funciona para identificar quais mudanças estruturais precisam ser feitas em nossa sociedade e cultura para desenvolver e manter um futuro sustentável. Também tem um componente baseado em classe. Richard Kahn delineou três objetivos principais do movimento de ecopedagogia, que envolvem "criar oportunidades para a proliferação de programas de ecoalfabetização, tanto nas escolas quanto na sociedade; preencher a lacuna de práxis entre acadêmicos e o público (especialmente ativistas) em interesses



ecopedagógicos; e instigar o diálogo e a solidariedade autorreflexiva entre os muitos grupos entre a esquerda educacional, particularmente à luz da crise planetária existente." Três domínios gerais predominam na ecopedagogia: os domínios cosmológico, tecnológico e organizacional. Novamente, para citar Richard Kahn: "A dimensão cosmológica se concentra em como a ecoalfabetização, ou seja, entender os sistemas naturais que sustentam a vida, pode transformar as visões de mundo das pessoas. Por exemplo, suposições sobre o direito da sociedade de explorar a natureza podem ser transformado em compreensão da necessidade de equilíbrio ecológico para sustentar a sociedade a longo prazo. O sucesso de tais transformações de pensamento "cosmológicas" pode ser avaliado pelo grau em que tais mudanças de paradigma são adotadas pelo público." Eu afirmo firmemente que a mudança climática tem que ser vista em relação ao capitalismo predatório — o que alguns chamam de capitalismo neoliberal. Temos que entender o que vai acontecer nas próximas décadas e além se não pararmos o aquecimento global, e logo. Estamos enfrentando a destruição da espécie humana. Precisamos educar os alunos sobre o Antropoceno. A vida humana como a conhecemos está à beira de um precipício. Como não sabemos quando o experimento humano chegará ao fim, temos que fazer inferências para as melhores explicações disponíveis. O que está claro é que precisamos de processos de geração de energia acessíveis, sem eles estamos acabados como espécie. Energia renovável? Reflorestamento? Já conhecemos as reações do setor de combustíveis fósseis. Como será uma economia de emissão zero? Temos apenas 30 anos para descobrir. Se Trump voltar ao poder e começar a remover os controles de poluição das fábricas, sabemos quem será o primeiro a sofrer — as pessoas que vivem perto das fábricas e não estão localizadas em Beverly Hills. O sul global está sofrendo mais. Será o primeiro a queimar, a menos que revertamos drasticamente nossa queda na destruição ambiental. O movimento da ecopedagogia mostra o quão amplo o impacto do trabalho de Freire foi e continua sendo. O movimento ecossocialista é crucial para os nossos tempos. Como David Black mencionou, os cadernos de Marx sobre geologia, botânica e química agrícola, até sua morte em 1883, não apoiavam um ecossocialismo reformista, mas sim a ideia revolucionária do "comunismo de decrescimento".

Textos de Marx publicados recentemente, disponibilizados no recentemente publicado Marx-Engels-Gesamtausgabe (MEGA), revelam insights dos cadernos de Marx sobre geologia, botânica e química agrícola.

A teoria de "metabolismo" de Marx fala de uma "fenda metabólica" historicamente específica para as relações sociais capitalistas. A fenda é causada pelo roubo dos



recursos da natureza. A ecopedagogia e o ecossocialismo andam de mãos dadas com os insights de Marx.

6. FINALMENTE, PETER, O QUE VOCÊ RECOMENDARIA ÀS NOVAS GERAÇÕES QUE ESTÃO ENTRANDO NO ENSINO EM MEIO À CRISE CIVILIZACIONAL DO SÉCULO XXI?

Eu pediria à nova geração que se lembrasse sempre de que, apesar de estar sobrecarregada pela heterogeneidade reprimida da vida social, cultural e institucional, apesar de estar presa na pinça pós-industrial da "sociedade administrada" sobre a qual Adorno e Horkheimer nos alertaram, apesar de sua consternação com a humanidade se afastando em direção ao que Slavoj Zizek, citando o filósofo Jean-Pierre Dupuy, chama de "ponto fixo distópico", o ponto zero da guerra nuclear, colapso ecológico, caos econômico e social global, etc.", ainda há a possibilidade de uma esperança. Este é o caso mesmo quando Zizek nos avisa que, embora este ponto zero seja indefinidamente adiado, ele continua sendo "o "atrator" virtual para o qual nossa realidade, deixada a si mesma, tende". Então, a lição aqui é: não deixe a realidade por si mesma. Interrompa a realidade sempre que puder, tornando-se um agente protagonista para a criação de uma catequese de libertação. Ou talvez um agente irresponsável estaria melhor preparado para fazer o trabalho. Em algum lugar neste horizonte de catástrofe, precisamos encontrar espaços liminares de "ainda não" que nos permitam resgatar momentos emancipatórios do sepulcro da degradação do conhecimento morto e da perversão da história. Se não podemos encontrá-los, então devemos criá-los. Porque quando estamos em um impasse histórico como o que enfrentamos hoje, entre o fascismo ou a barbárie, os espaços liminares tornam porosas as paredes perfeitamente invencíveis do poder estatal, onde a hegemonia vaza das rachaduras da força social mais vulnerável do capitalismo — a recusa dos seres humanos em permanecerem suplicantes a seus líderes e apaziguadores a suas leis de movimento. Os espaços liminares fabricam possibilidades e nos permitem discernir alternativas ao presente. Aqui, nós reivindicamos nossa subjetividade revolucionária ao lançar a barbárie da história na fornalha do nosso inconsciente político para que começemos a perceber que podemos substituir narrativas temporais forjadas no sangue de inocentes por novas memórias emancipatórias, que podemos trazer à consciência novos discursos de possibilidade que carregam traços de um futuro emancipatório, novos modos de agência protagonista que prefiguram a era vindoura da liberdade, uma era onde a agência histórica é entendida como assumir a autoria da própria vida, como um narrador que constantemente reimagina a própria história em



relação aos arquivos culturais estabelecidos da comunidade mais ampla. Nesse sentido, nossa luta é semelhante à noção de reflexão crítica de Paulo Freire, de despertar do "pesadelo" que pesa no cérebro dos vivos e que compeliu Marx a escrever suas críticas à economia política. Então, o projeto importante em questão será desenvolver e nutrir uma desobediência epistêmica em relação à colonialidade biopolítica do poder (patron de poder colonial) que põe em risco qualquer possibilidade de diálogo produtivo sobre a cartografia política da guerra que mapeia as margens epistêmicas e os centros de futuros possíveis que não são garantidos para serem dominados pelo passado. Nunca é tarde demais para começar nosso diálogo, mas devemos tentar fazer esse diálogo acontecer antes que as bombas comecem a cair e os campos de extermínio sejam encharcados de sangue. O verdadeiro problema é que a internet está criando uma enorme subcultura fascista de americanos que não se beneficiaram de uma educação crítica, identificaram os liberais como inimigos nas guerras culturais e que obtêm seu alívio emocional e necessidades de entretenimento trollando aqueles que o QAnon designou como inimigos — o que provavelmente é você e eu. E não está claro que tipo de futuro esse ponto zero de caos trará.

O cenário político e a temperatura política hoje seriam muito diferentes se os alunos se formassesem no ensino médio tendo sido ensinados por professores comprometidos com a pedagogia crítica. Não é fácil julgar até que ponto isso é verdade em um mundo onde tantos lutam com a banalidade sem raízes da vida cotidiana. Mas continuo convencido de que os alunos devem se formar com uma compreensão da natureza do universo social do capitalismo, particularmente a substância do próprio trabalho, da perspectiva da crítica de Marx à economia política, sua Teoria do Valor-Trabalho. Então, eu recomendaria que os professores retornassem a Marx. É imperativo que os professores acolham as críticas e incentivem os debates sobre as teorias de Marx. Pedagogia crítica não é uma pedagogia de imposição. É uma pedagogia de problematização e ensina por meio do diálogo, reflexão e respeito à mutualidade, reciprocidade e diferença. Se vocês, alunos, não conseguem criar contra-argumentos aos seus, então vocês não são educadores críticos. Eu também recomendaria que os alunos não negligenciassem a direção espiritual de suas vidas e se estendessem aos outros em um espírito de amor, que tornássemos uma prática permanente reconhecer os outros, pois o ato de reconhecimento é a fonte da qual o amor bebe. Não é fácil amar em um mundo de precariedade capitalista, caos e insegurança. Sim, aspire ao amor, mesmo nos momentos mais sombrios. Aproveite esses momentos liminares, use esses espaços como lugares de autodeterminação, de criação de novas sensibilidades e novas paixões insurgentes, crie um terreno de contestação,



encontre um contrapoder para as forças do ódio. Você não estará sozinho nesses espaços liminares, pois eles nutrem todos aqueles que têm a coragem de encontrá-los.

